

A BATALHA

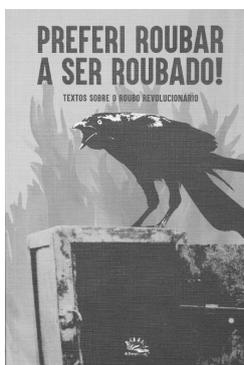
Director: João Santiago Redacção: Elisa Areias, João Santiago, Joaquim Andrade, Luís Garcia e Silva, Sérgio Duarte
Compositor, proprietário e editor: Centro de Estudos Libertários

Jornal de Expressão Anarquista
Antigo Órgão da Confederação Geral do Trabalho

Entrevista a Mário Rui O terror negro

Saiu o primeiro livro da Barricada dos Livros, que é dedicado ao roubo revolucionário e à história das relações entre individualistas libertários e ilegalistas. Esta é uma história de compromisso com o ideal revolucionário de distribuição justa da riqueza. É uma história de confronto com as tradicionais formas de propaganda, com a sua caducidade e o alumiado da propaganda pelo facto. *Preferi roubar a ser roubado! Textos sobre o roubo revolucionário* é um livro que define os próprios limites da legitimidade dos meios para atingir determinados fins, separando as águas entre o mito Bando Bonnot e a propaganda pelo facto executado por Marius Jacob, Clément Duval e Miguel Arcángel Roscina. Conversámos com Mário Rui Pinto, membro do colectivo da Barricada dos Livros, sobre este importante estudo e sobre o futuro da mais recente editora anarquista em Portugal.

Págs. 6-7



Editorial |
**A Batalha vai
ao alfaiate**
Pág. 2

Internacional |
**3º Fórum Geral
Anarquista
Mário Rui**
Pág. 5



Ensaio | Ricardo António Alves Ferreira de Castro e a

Renovação segunda parte nas págs. 8-9

Publicamos a segunda parte do ensaio de Ricardo António Alves sobre a história da revista *Renovação*. No artigo deste número, estamos perante uma leitura crítica da antiga publicação da Confederação Geral do Trabalho: do falhanço na criação de um novo órgão de um modernismo português à pobreza das propostas estéticas que foram editadas nos 24 números que

compõem a colecção completa da revista. Importará seguir atentamente o próprio percurso de Ferreira de Castro e a sua admiração por Pyotr Kropotkin para comprovar as afinidades ideológicas que estariam no coração da inspiração libertária que o escritor pretendeu introduzir nas páginas da *Renovação* e que conseguiu canalizar para a sua obra literária futura.

Cultura |
**Banda desenhada
e biqueiros anarcas!**
Professora Marcivânia
Pág. 10

Homenagem | Antonina Rodrigo

La insobornable

Pág. 4

Em homenagem a Joaquina Dorado Pita, publicamos um artigo de Antonina Rodrigo, no qual são traçadas as linhas biográficas desta incansável anarquista e militante anti-franquista. Uma das grandes amigas do jornal *A Batalha* e do Centro de Estudos Libertários, que fundou e lhe dedicou, em 2005, o Círculo de Estudos Joaquina Dorado e Liberto Sarrau. Desta forma, o nosso jornal lembra a vida de uma anarquista que nunca se deixou governar por ninguém.



Poesia |
Alexandre Caetano
António Margalha
Francisco Cardo
Nuno Mangas-Viegas
Pág. 11

BD |
**Centro Anarquista
Português de
Artes Modestas**
Marcos Farrajota
Pág. 12

Revista de cultura e pensamento destinada ao proletariado, e apesar de ter como programa «dar batalha ao passado», as credenciais de modernidade artística da *Renovação* são francamente insatisfatórias. É escusado, e provavelmente incorrecto, compará-la com a revista do modernismo por excelência, quase sua contemporânea, a *presença* de José Régio, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões, para se aperceber do desfasamento que existia. Não fora a colaboração de alguns artistas plásticos nas capas da publicação, como Stuart Carvalhais, Roberto Nobre ou Carlos Botelho e, não fora Ferreira de Castro, a *Renovação* passaria completamente ao largo daquilo que se propusera em termos artísticos. Porque para os autores deste quinzenário, arte de vanguarda era a que difundia as ideias avançadas – mesmo que essas ideias fossem veiculadas através de uma estética do século XIX.

O número inaugural, com a capa de Alonso, dum academismo sem remissão, deixa antever o pior; as estampas, os extratextos que a revista oferece são duma irrelevância que impressiona. A colaboração propriamente literária circunscreve-se aos sonetos inconformistas de Bento Faria (um poeta de 50 anos no bilhete de identidade, mas talvez ainda mais velho em personalidade artística) e uns contos, alguns interessantes, de Eduardo Frias, de tons naturalistas à Abel Botelho.

Há, aliás, um texto catastrófico, em modo de libelo – não assinado e que eu tenho, pelo estilo, boas razões para arriscar a atribuição da sua autoria a Jaime Brasil –, intitulado «Da “arte moderna”»¹. Nele se critica «o suposto modernismo» por não ter suscitado a adesão, mas antes a indiferença das «massas incultas» – «“arte” postiça, grotesca, que não lhes dizia nada», ao contrário do que sucedia com os «cervejeiros teutónicos e a aristocracia gerada na *Nep*» (a «Nova Política Económica» de Lênine, o seu célebre *passo atrás*); estes sim, «delicia[vam-se]» com as novas tendências. Para o articulista, «Ninguém com cultura artística acreditou jamais nas mistificações dos futuristas e dos cubistas, dos impressionistas e dos expressionistas, dos primitivistas e dos super-realistas e demais fauna pretensiosa e insípida.» A «arte verdadeiramente moderna» não pode fazer tábua rasa do

¹ [Jaime Brasil ?], «Da “arte moderna”», *Renovação*, n.º 8, Lisboa, 15 de Outubro de 1925, pp. 2-3.

passado, o «realizador de beleza» «é o passado mais um» e a arte tem de ser «didáctica e morigeradora», deve ter uma «função social», sendo por isso «comunitária e democrática». Então o que será a arte de vanguarda, na perspectiva deste autor?

«Em arte, como em tudo, a tradição, o passado são fonte de emoções e de ensinamentos. O estatuário de hoje busca a linha flexuosa da Vénus de Milo, a alada leveza da Vitória de Samotrácia, a viril postura do Apolo de Belvedere, para escopo e inspiração, como o libertário sonho com a clã primeira, com a comuna medieva, e com a cidade-livre, que são o exemplo histórico da sociedade futuro, por que luta.»

O resto é «exaltação do capitalismo, do industrialismo, do individualismo.»

Castro estava distante desta concepção, apesar de alguns pontos de contacto. Para ele, também o modernismo deveria ser integral, quer dizer, arte moderna e ideias avançadas andariam de par. Era esse o seu *programa* vanguardista. No primeiro livro publicado em Portugal, o já citado *Mas...*, autodenominou-se «classicóforo» («Ser classicóforo é sentir no âmago vagalhões de revolta: – contra a involuntária expropriação que nos fizeram os clássicos»²); na *Renovação*, embora respeitando o património legado pelos antigos, insurge-se contra a cópia académica dos modelos clássicos, ao mesmo tempo que critica a tendência primitivista, que teria em Gauguin e Picasso – por si tão admirados – alguns dos seus expoentes, e que pretendia beber na arte pretensamente das origens o tónus que faltava à arte ocidental. Para Castro – que não nomeia nenhum dos pintores atrás referidos --, a representação da figura humana «como um manipanso africano» – é uma atitude «reaccionária», porque «volvida para as brenhas do passado e não para as alvoradas do futuro»³. Mas, por outro lado, «realizar uma Arte que só pudesse ser compreendida e justificada no passado, é algo de grotesco, algo que ultrapassa as próprias fronteiras do Ridículo.»⁴ Aqui, Castro distancia-se do articulista atrás referido, e ilustra uma das suas

² Ferreira de Castro, «Pedras ao poço», *Mas...*, Lisboa, 1921, p. 25.

³ Ferreira de Castro, «Arte moderna», *Renovação*, n.º 17, Lisboa, 1 de Março de 1926, p. 7.

⁴ *Ibidem*.

perplexidades, de que fez eco quando da morte do seu grande amigo e companheiro de jornada artística, Roberto Nobre, num maravilhoso texto de 1969, em que o evoca, o autor de *A Selva* recorda esta época e a tertúlia em que com Nobre, Assis Esperança e Mário Domingues defendiam «não somente uma nova organização social, mas também a arte de vanguarda, como seu complemento.» E lembrava com alguma amargura: «Todos os outros elementos ideologicamente avançados, alguns deles nossos amigos bem perto do nosso coração, eram conservadores em Arte e todos os revolucionários em Arte eram reaccionários nas ideias.»⁵

A atenção que Castro deu à arte sua contemporânea, na breve existência da *Renovação*, não pode deixar de merecer um justificado destaque. Num artigo intitulado «A cenografia da vanguarda»⁶, destaca a «inquietude e o anseio renovador» de artistas como Meyerhold, Gordon Craig, Max Reinhardt, os futuristas italianos Bragaglia, Ricciardi, Prampolini além da obra pictórica e literária do próprio Marinetti, que lera atentamente⁷; noutro, não assinado, sobre «A literatura social e os valores literários na Rússia»⁸, depois de enumerar alguns dos grandes nomes da literatura desse país, de Dostoievki a Gorki, refere-se empolgado aos autores da vanguarda, provavelmente exemplos do que ele próprio almejava para si, enquanto escritor: dos poetas Vladimir Maiakovski a Alexander Blok, passando pelo romancista Andrey Bely; finalmente, o cinema, a que Castro deu tanta importância, cinéfilo que era, como proclamou Roberto Nobre, tendo inclusivamente realizado um documentário, recentemente redescoberto.⁹

⁵ Ferreira de Castro, «Vida, sonho e drama de Roberto Nobre», *apud Correspondência (1922-1969)*, Lisboa, Editorial Notícias e Câmara Municipal de Sintra, 1994, p. 238.

⁶ Ferreira de Castro, «A cenografia da vanguarda», *Renovação*, n.º 21, Lisboa, 1 de Maio de 1926, pp. 15-16.

⁷ Ver Ricardo António Alves, «Ferreira de Castro, entre Marinetti e Kropotkine», *O Escritor*, Lisboa, Associação Portuguesa de Escritores, 1998, pp. 175-180.

⁸ Ferreira de Castro, «A literatura social e os valores literários na Rússia», *Renovação*, n.º 24, Lisboa, 15 de Junho de 1926, pp. 1-2.

⁹ Em *Singularidades do Cinema Português* (Lisboa, Portugália Editora [1964], pp. 135-136), Nobre refere-se ao filme «Estátuas de Portugal», arquivado na Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema.

Considerando o cinema como uma obra de arte completa, que congrega «numa só, todas as outras, conservando, contudo a sua independência»¹⁰, sendo errado tomá-lo por «um prolongamento do teatro e do romance», ao mesmo tempo que deplorava o mercantilismo de grande parte do cinema americano, passa em revista alguns dos grandes nomes da 7.^a Arte: de Jean Epstein a Robert Wiene, de Marcel L'Herbier a René Clair, passando por Griffith e Abel Gance. Castro, além de valorizar o cinema como trabalho também plástico, via também nele a possibilidade de alargamento dos horizontes estéticos e ideológicos a um público mais vasto.

Ferreira de Castro era, pois, nesses anos vinte, dos poucos escritores – e como jornalista dos raríssimos – a filtrar e difundir a arte contemporânea e de vanguarda. Não por acaso, José Régio, um dos espíritos mais brilhantes da sua geração, dez anos mais tarde, deixa expresso nas páginas da *presença*, a sua esperança em que a direcção de *O Diabo*, que Castro iria assumir pudesse enfim voltar a dar relevância ao jornal, gasto que estava por falta de rumo e em mãos medíocres.¹¹

¹⁰ Ferreira de Castro, «O cinema moderno e o seu papel artístico e educador», *Renovação*, n.º 21, Lisboa, 15 de Maio de 1926, pp. 10-11.

¹¹ José Régio, *Páginas de Doutrina e Crítica da presença*, Porto, Brasília Editora, 1977, p. 306.